

D. FRANCISCO DE ALMEIDA: FACES DE UM HERÓI

Alice da Silva Cunha
UFRJ

O presente trabalho limitar-se-á a focalizar a presença de D. Francisco de Almeida, vulto de renomada importância da História lusitana, no poema “De nuptiis Eduardi Infantis Portugalliae atque Isabellae Theodosii Ducis Brigantiae Germanae”, de autoria de Manuel da Costa, humanista português do século XVI. Ao abordar a temática acerca das núpcias do Infante D. Duarte, filho do rei D. Manuel, e de Isabel, filha de D. Jaime, Duque de Bragança, o poeta renascentista esmera-se em ressaltar a grandiosidade deste acontecimento que celebra a união de famílias da mais alta estirpe da nobreza lusitana. Reveste-se o poema de um tom laudatório, em que encontra lugar de relevo a origem dos nubentes, descendentes ambos da mais nobre linhagem - se por um lado o noivo pertence à Casa Real, por outro a noiva descende da nobre Casa de Bragança, uma das mais poderosas do reino. Não deixa de ressaltar, ainda, o poeta o fato de terem ambos ascendentes comuns, nem tampouco de exaltar acontecimentos históricos em que membros de ambas as famílias tenham participado, ou até mesmo, comandado, como, por exemplo, a conquista de Azamor, empreendida por D. Jaime, Duque de Bragança, bem como as inúmeras ações bélicas levadas a efeito por nobres pertencentes à dinastia de Avis.

A seqüência do poema que constitui objeto de nosso estudo insere-se em uma macroestrutura, composta de seqüências, de teor nitidamente épico, que, numa digressão, interrompe o percurso lógico da narrativa, ou seja, o desenrolar dos preparativos e das cerimônias relativas ao enlace matrimonial, sem dúvida alguma, o fio condutor da narrativa.

A chegada dos convidados a Vila Viçosa, cidade em que se realizarão as núpcias, e principalmente ao Paço Ducal, onde magníficas tapeçarias estavam pendentes, detiveram os olhos atentos e extasiados dos convivas, não ficando imunes os do próprio narrador, que passa a descrevê-las com esmerada precisão, o que, de certo modo, nos faz evocar o conceito horaciano “ut pictura poesis”. A arte figurativa das tapeçarias representava heróis da História Lusitana, dentre os quais aparece a figura de D. Francisco de Almeida, que ora passaremos a considerar.

Parte alia belli Granatae exercitus usu
Primi Abrantaei Comitit clarissima proles
Franciscus, Regisque uices, cultusque gerebat.
(*De nupt.*, 278-280)

[Em outra parte, Francisco, descendente ilustríssimo do Primeiro Conde de Abrantes, a serviço das tropas militares em Granada, e, como vice-rei, trajava vestes reais.]

Note-se a preocupação do poeta com o aspecto descritivo, na elaboração do poema, que por um lado demonstra precisão no emprego do dêitico, relativo à situação espacial, em que se encontra representado D. Francisco de Almeida, levando-se em conta naturalmente a sua posição no espaço figurativo das tapeçarias, em relação aos demais heróis aí representados.

O caráter heróico deste vulto da História é ressaltado desde o primeiro instante em que a narrativa poética a ele se refere, antecedendo mesmo o seu próprio nome e a sua nobre ascendência. Assim a alusão a sua presença na guerra de Granada, a serviço dos reis Católicos, dá início à seqüência poética que celebra as suas façanhas heróicas, da mesma forma que marca o início de uma carreira militar gloriosa no nível da história. Após este fato de relevância, no âmbito da veracidade histórica, segue-se a referência à origem de D. Francisco de Almeida: descendente ilustríssimo do Primeiro Conde de Abrantes. Pode-se ver nesta configuração do poema algo bastante significativo, no sentido de se privilegiar

não apenas a nobre origem, mas o valor real das ações humanas, ou seja, o homem deve ser respeitado pela sua capacidade empreendedora e transformadora, o que, de certo modo, vem a corroborar os ideais do Humanismo, então vigentes. Um outro aspecto digno de menção diz respeito ao fato de ter D. Francisco de Almeida se destacado como administrador público, ocupando o cargo de Vice-rei da Índia, cargo esse pela primeira vez ocupado. No poema, estes elementos compõem o que se poderia denominar uma tríade que, à maneira de um exórdio, apresenta os traços essenciais desta figura de relevo da historiografia lusa.

Esta seqüência narrativa desenvolve-se, tendo por base o nível da história, a partir do qual se articula um dos pilares de sustentação do poema, conferindo-lhe feições próprias, pertinentes a uma dada coletividade, em que se acham ressaltados pontos comuns, emergentes de uma realidade que se manifesta grandiosa em suas realizações, e que portanto se compraz em celebrar dignamente os seus heróis. Assim sendo, o texto poético refere a conquista de Quíloa, então metrópole do Império Muçulmano na costa africana, feito de enorme envergadura, realizado sob o comando de D. Francisco de Almeida, cuja coragem se fará também notar em outras campanhas bélicas.

“Ac primum capta Quíloa, pulsoque tyranno,
Ipsa erecta sedens supra tabulata uerendus
Regali Alconis caput insignibat honore.
Nec procul hinc urbem ferro populabat, et igne
Mombasam, spoliisque rates onerabat opimis.
Tum Calecutanos Pamnani in flumine caedens,
Illorum simul et naues, et tecta cremabat.”

(*De nupt.*, 281-7)

[E Quíloa, pela primeira vez, foi conquistada e depois de ter expulsado o tirano, o venerável Francisco, sobre o elevado estrado, tornava insigne a cabeça de Alcone, com o símbolo da realeza. Não longe daqui, devastava a ferro e fogo a cidade de Mombaça e as naus carregava de ricos despojos. Então, massacrava os habitantes de Calecut no rio Pamnane e, simultaneamente, incendiava-lhes as naus e as casas.]

Não deixa de ressaltar o poema, com relação à conquista de Quíloa, um fato notório narrado por historiadores da época – a expulsão de um tirano e a coroação de um rei leal. Este episódio relativo à empresa vitoriosa de Quíloa deixa transparecer, num discurso avaliativo de caráter negativo, o quão desprezível é a tirania e o quão valoroso combater os tiranos. Assim sendo, a ação bélica empreendida por D. Francisco de Almeida reveste-se de um caráter duplamente significativo, uma vez que, além de alcançar memorável vitória, tornou possível, com a expulsão do tirano usurpador, o restabelecimento da ordem e do estado de direito que deveriam ser respeitados. Alude, pois, o poeta renascentista a este fato, representado de forma emblemática, na narrativa através da coroação do rei leal e generoso, detentor, por assim dizer, das virtudes dignas de um monarca. A este episódio refere-se também Camões nos *Lusíadas*.

“Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil, áspero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.”

(*Lus.*, X,26)

Na épica camoniana, ressalta-se, a exemplo do que já se verificara no poema de Manuel da Costa, a coragem dos heróis pátrios, aqui também, numa referência à figura de Francisco de Almeida, junto a seu filho Lourenço. Note-se que, no texto camoniano, encontram-se ressonâncias já prefiguradas no poema deste humanista que lhe é precursor.

Outros empreendimentos bélicos merecem menção, no epitalâmio renascentista: a derrota infringida a Mombaça, na costa africana, destruída a ferro e fogo, e a conquista de Calecut, após sangrenta batalha, revestindo-se ambas as empresas de um teor nitidamente épico, que põe em relevo não apenas as agruras da guerra, mas, tacitamente, deixa transparecer a coragem e o destemor daquele que ousou tais façanhas. Não é demais assinalar a constante presença de dêiticos espaciais e temporais (*nec procul hinc; tum*), determinantes do processo descritivo que perpassa a narrativa como um todo.

A seguir, no plano lógico da narrativa, atesta-se uma interrupção no que tange à figura de D. Francisco de Almeida, direcionando o narrador o seu olhar para um outro vulto da historiografia lusa, representado nas tapeçarias ao lado do pai - trata-se de D. Lourenço de Almeida - filho de D. Francisco de Almeida, que sob o comando de seu pai participou várias campanhas bélicas. O heroísmo de Lourenço constitui uma longa digressão no poema renascentista, mais precisamente na seqüência linear da narrativa relacionada a D. Francisco de Almeida, provocando mesmo uma ruptura, de natureza funcional com reflexos incidentes na conceptualização do herói. Lourenço reveste-se no poema das características próprias de um jovem guerreiro, promissor em todos os sentidos; em condições de concretizar não apenas os ideais pátrios, mas de corresponder aos anseios de um pai devotado, orgulhoso do filho que se lhe assemelha. No entanto, os fados reservam-lhe o infortúnio; surpreendido nos mares de Chaul, apesar de lutar bravamente, e de em momento nenhum esmorecer, encontra a morte, como um leão que fatigado pela turba de caçadores vai cedendo lentamente sem contudo voltar as costas, com este símile significativo evoca o poeta a resistência heróica de Lourenço.

O foco da narrativa volta-se novamente para Francisco de Almeida, cuja imagem, agora delineada, contrasta com a que fora anteriormente apresentada, ou seja, a de um homem que se notabilizou por sua coragem tanto na vida militar, quer nos campos de batalha, quer nos mares, quanto no gerenciar da administração pública, ocupando o cargo de vice-rei.

“Posthaec Franciscus demissa in pectora barba
Pullatus, contra Dabul dira arma mouebat;
Namque trucidabat stantes pro moenibus hostes,
Moenia uastabat flammis: non parcere sexu,
Aetatiue dolor poterat, rabiesque nocendi.
Deinde urbis Dii latos complentia portus
Vela ducum, nati Laurenti caede tumentum,,
Inuadebat atrox.”

(*De nupt.*, 317-324)

[Logo a seguir, Francisco, vestido de luto, com a barba até o peito, lançava contra Dabul armas cruéis; trucidava, então, os inimigos que estavam diante das muralhas; com chamas devastava os muros – não podia a sua dor e fúria de vingança poupar sexo ou idade. Em seguida, implacável, invadia os navios à vela dos comandantes que se vangloriavam da morte do seu filho Lourenço, navios esses que se estendiam pelos extensos portos da cidade de Diu.]

Estes versos referentes a Francisco de Almeida põem inicialmente em evidência o seu aspecto físico, contrastante com o anterior, em que se podia detectar uma certa altivez decorrente quer de sua valorosa coragem, quer da sobriedade exigida pelo cargo, cujos reflexos se fazem notar na indumentária real. Um outro Francisco delineia-se aos nossos olhos, completamente desnortado, face à tragédia vivenciada: a morte cruel arrebatou-lhe o filho e companheiro, na flor da idade. Desolado, cobre-se de luto, a barba pende-lhe até ao peito: neste ponto, parece privilegiar a narrativa o aspecto humano, de que se reveste o herói que tão valentemente pôde suportar as agruras inerentes à guerra, mas diante da

tragédia que se abate contra seu filho, fraqueja e sucumbe à avassaladora dor como um pai simplesmente humano. O desespero domina-o e a ira desenfreada lança-o à vingança; assim investe contra os inimigos que lhe causaram tão grande perda, trucidando-os e devastando com fogo as muralhas; cegando-o a dor e a ira, em seu ímpeto destruidor, não conseguia poupar sexo, nem idade. Nesta seqüência, a narrativa reveste-se de toda uma atmosfera em que domina o pathos, imprimindo a esta seqüência textual um teor fundamentalmente trágico, lugar ímpar se considerarmos o poema como um todo.

No âmbito da intertextualidade, convém assinalar ressonâncias deste episódio na épica camoniana:

“Eis vem o pai, com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue lhe dará pelos gíolhos
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo
Pode-lo-á o Indo ver e o Ganges ouvi-lo”
(*Lus.*, X,33)

E, ainda:

“....., antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaixando-lhe a tímida ousadia.”
(*Lus.*, X,34)

A similaridade entre os dois textos encontra respaldo na valorização do aspecto profundamente humano, percebido na reação do herói, face ao trágico desaparecimento do seu filho.

O desenrolar da ação bélica empreendida por Francisco de Almeida concretiza-se sob um prisma diverso daquele que o impelia anteriormente. Acentua-se, na narrativa, o desvario que arrebatava o general e o faz agir intempestivamente, ultrapassando mesmo os limites de violência “eticamente” admissíveis e de inerente crueldade, quando investe não apenas contra os generais, mas contra o povo indefeso.

A dor experimentada pela perda do filho querido leva-o a vingar-se dos comandantes que se vangloriam da morte de Lourenço. O texto renascentista descreve com admirável plasticidade a batalha nos portos de Diu.

“ Parte ex utraque carinas
Flammantes igne accenso, totumque nigranti
Aera densatum fumo, nimboque uolucrum
Telorum, armatis et feruere litora turmis,
Et multo aspiceres undantem sanguine pontum.”
(*De nupt.*, 324-8)

[Poder-se-ia, de uma outra parte, observar os barcos a se consumirem em chamas, sob intenso fogo, e a atmosfera completamente envolvida pela negra fumaça e por uma nuvem de velozes dardos e, em meio aos armados pelotões, as praias a ferver e o mar revolvendo-se em grande quantidade de sangue.]

Tendo como ponto de partida as tapeçarias, pauta-se a descrição poética privilegiando os aspectos sensoriais, não apenas no apelo à visão em que sobressaem o vermelho vivo das chamas (*flammantes igne, feruere*) e do sangue (*undantem sanguine pontum*) e o negro da fumaça (*nigranti fumo*), mas à audição através de aliterações que

sugerem o ruído provocado pelo fogo (r,s), bem como a repetição de vogais fechadas sugerem um ambiente caótico, soturno, denso (o,u).

A vitória dos lusitanos deveu-se, sem dúvida alguma, à sua coragem, tão celebrada, mormente neste áureo e memorável período da história lusa, poder-se-ia mesmo dizer tratar-se de um topos do humanismo português.

“Hic ratibus iunctis, Mauortia pectora,, nostri
Lysiadae ferro in Turcas ultore ruebant.
Hic Mirocen Lysia percussus cuspide frontem
Bracchia iactabat pelago, cursuque petebat
Nauale, ut socia fugiens se conderet urbe.
Illum euadentes Turcaeque, Indique natantem
Pone sequi, et uitam trepidi seruare per undas.
At senior uiridi redimitus tempora lauro
Franciscus Cambaiae alnos, Turcasque trirremes
Captiuas medio ducebat in aequore uictor.”

(*De nupt.*, 329-338)

[Reunidas, aqui, as naus, os nossos, os Lusitanos, de intrépido peito na guerra, investiam contra os Turcos com ferro vingador. Ali, Mir Hocen, transpassado na frente por uma seta lusa, lançava os braços ao mar e, no percurso, buscava o porto, para, a salvo, esconder-se numa cidade aliada. A seguir a ele, que a nado vai, escapam os Turcos e os Indianos, ansiosos por salvar a própria vida em meio às ondas. E, já mais velho, Francisco, tendo cingidas as têmporas com o verde louro, vitorioso, conduzia, em alto mar, os navios de Cambaia e as cativas trirremes turcas.]

Adota o poema renascentista uma feição clássica, ao enunciar a bravura dos heróis lusitanos: “ Mauortia pectora”, neste acusativo de relação configura-se o caráter avaliativo, de teor altamente positivo, cujas raízes acham-se vinculadas à tradição mítica. Os versos subseqüentes narram o confronto bélico que envolve portugueses de um lado, turcos e indianos de outro, culminando com a vitória lusíada.

O reconhecimento da grandeza dos feitos heróicos de Francisco se faz presente nos últimos versos a si dedicados no poema; de forma emblemática configura-se o triunfo de Francisco, coroado com o verde louro da vitória, a conduzir as naus cativas no alto mar. Fecha-se, assim, o círculo heróico de Francisco de Almeida, na seqüência do poema “De nuptiis” que tem início na alusão à sua participação na guerra de Granada e encerra-se na derradeira e concludente palavra a si referida: “uictor”, ou seja “vencedor”.

BIBLIOGRAFIA

- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por António José Saraiva. Porto: Figueirinhas, 1978. 2 v.
- DA COSTA, Emmanuelis. *De nuptiis Eduardi et Isabellae*. In: ---. *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum, qui Latine scripserunt...* Lisbonnae, Typis Regalibus Sylvianus, Regiaeque Academiae, MDCCXLV